

RUBEM BRAGA

Uma Conversa em Lisboa

DE uma vez que cheguei a Lisboa foi um moço jornalista me procurar no hotel. Disse que desejava uma entrevista. Sentamos no bar e ele me pediu informações do Brasil. Respondi-lhe que há muito tempo estava sem notícias do Brasil; e, que soubesse, não havia grandes novidades. Pediu-me então impressões de Portugal. Expliquei ao rapaz que de Portugal ele devia saber melhor do que eu. Naturalmente tudo o que eu podia dizer era que Lisboa é linda — mas isso provavelmente seu jornal já estava informado.

O rapaz insistiu: que eu falasse de política, por exemplo. Achei mau o exemplo e expliquei porque:

— Trabalhei anos e anos no Brasil sob um regime parecido com este. Também sou jornalista. Sei perfeitamente que se eu lhe disser o que penso em matéria política seu jornal não vai publicar. É melhor a gente tomar outro «cognac» e falar de outras coisas.

No fim do terceiro «cognac» o jovem repórter me desabafava sua melancolia. Falava da imprensa portuguesa. Depois de mais de 20 anos de Estado Novo — explicou — a censura se tornara desnecessária. Os jornais recebem o que devem publicar sobre certos assuntos; todo o noticiário estrangeiro é rigorosamente filtrado e selecionado. E a censura oficial ao que os redatores escrevem é dispensável; a própria direção dos jornais faz a censura com o maior rigor. Os próprios redatores, no momento de escrever, já se censuram — muitos — acrescentou ele — censuram até os próprios pensamentos; já pensam, já sentem direitinho, da maneira mais conveniente — por força do hábito...

Respondi-lhe que estava certo de que havia em Portugal muitos jornalistas contra o regime. Ele fez um gesto de desânimo:

— Há os velhos, os que nunca aderiram a Salazar. Uns deixaram a profissão, outros continuam a trabalhar mas sabem que não podem fazer nada contra o estado de coisas. São céticos, acham que não adianta tentar coisa alguma. Uns são vigiados. Outros foram exilados...

— E os moços?

— A maioria considera este regime normal. Nunca viu nada diferente. Adapta-se, portanto, à realidade. Muitos desviam suas preocupações para as brigas literárias, as discussões sobre folclore...

Contou-me que há um jornal infenso ao salazarismo. Circula muito pouco, porque não pode dizer nada. Na rápida fase da «liberdade suficiente» sua circulação multiplicou-se por 100; os leitores precipitaram-se para ler as verdades sobre o regime. Mas a ditadura voltou a apertar as cravelhas...

E acrescentou:

— Toda uma geração de jornalistas portugueses foi sacrificada pelo regime. Não teve, simplesmente, uma só oportunidade de respirar. Eu por mim nasci com a Ditadura, toda minha vida tem sido sob a Ditadura. As únicas vezes em que tive gosto de escrever alguma vez foi na imprensa clandestina...

Sorri. Aquêlre repórter, aquêlre moço, tinha sido inteiramente formado sob o salazarismo. E não acreditava. E reagia. E acusava. Para mim estava feito o julgamento do regime.

A crônica acima foi escrita há dez anos. Nada mudou. Será que só a morte de Salazar libertará a inteligência portuguesa desse interminável pesadelo?